

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 2



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1999

Cóimbra, 5 de Janeiro de 2.001
M. Silva

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 2 – Dezembro de 1999

Director:

Helder Macedo

Director Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Telefax +351-239-410088; E.mail: ailusit@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. +351-22 6067418; Fax +351-22 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal n.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

AIDA FERNANDA DIAS – Uma bibliografia medieval em suporte electrónico.....	7
EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO – Os escritos portugueses de um jesuíta holandês no Oriente: Gaspar Barzeu (1515-1553).....	17
MÁRCIA M. DE ARRUDA BRANCO – Camões, leitor de Sá de Miranda.....	29
ANNE-MARIE QUINT – Ideias subversivas de um humanista cristão	49
MARIA THERESA ABELHA ALVES – Padre António Vieira, a exegese escriturária e o Quinto Império	63
CHRISTOPHER LUND – António Vieira e Menasseh ben Israel: uma aproximação de dois hermeneutas.....	79
MATILDES DEMETRIO DOS SANTOS – Literatura e História: Cartas Persas e Chilenas	85
VILMA ARÊAS – Um Primo Basílio da periferia.....	97
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA – Garrett, Fr. Luís de Sousa e Fr. Gil de Santarém	107
MARIA MANUEL LISBOA – “Num bi nada”: O incesto e a oportunidade perdida n’ <i>Os Maias</i>	127
MARIA DE LOURDES A. FERRAZ – Camilo leitor de Castilho	157
DAVID BROOCKSHAW – Macau e os Macaenses: considerações sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e Rodrigo Leal de Carvalho.	169

MARIA ALZIRA SEIXO – O Canto Isolado de Edmundo de Bettencourt.....	179
APARECIDA DE FÁTIMA BUENO – Das <i>Odes</i> ao romance: a construção do personagem em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	195
K. DAVIS JACKSON – O desespero da musa: a paixão e o texto de vanguarda	213
ISABEL CRISTINA RODRIGUES – <i>Cartas de Sandra</i> de Vergílio Ferreira: a encenação do diálogo epistolar	223
LUCI RUAS PEREIRA – Vergílio Ferreira ou a paixão da escrita.....	233
CARLOS D’ALGE – Uma leitura dos romances de José Cardoso Pires	247
MARIA LUCIA FERNANDES GUELFY – <i>O Delfim</i> : Uma leitura pós-moderna da história.....	253
CRISTINA ROBALO CORDEIRO – Da <i>Paixão</i> às <i>Vozes da Paixão</i> de Almeida Faria: morfologia de uma metamorfose.....	271
AMET KÉBÉ – Símbolos e Ideologias em <i>1 Morto e os Vivos</i> de Manuel Rui Monteiro.....	279
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – De vãos e ilhas – imagens utópicas e o mito de Ícaro, em recortes clássicos e contemporâneos.....	289
DIVA CARDOSO DE CAMARGO – O Primitivismo: apenas velhos “manifestos” e “prefácios”?.....	307
MANUEL ANTÔNIO DE CASTRO – Poética e <i>poiesis</i> : a questão da interpretação	317
JÚNIA DE CASTRO MAGALHÃES ALVES e LÚCIA TRINDADE VALENTE – <i>Harmada</i> : a “fulminância” na escrita de um texto contemporâneo....	341
GILMA TIETLER – O erotismo na força da palavra dita.....	349
EMMANOEL DOS SANTOS – O amor à língua materna no Brasil e a questão do empréstimo.....	355
BARBARA HLIBOWICKA-WEGLARZ – A situação actual da língua portuguesa na Polónia – (O exemplo da Universidade Maria Curie Skłodowska de Lublin).....	363

Das *Odes* ao romance: a construção do personagem em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*¹

APARECIDA DE FÁTIMA BUENO

Brasil, Universidade Federal de Viçosa

E agora, Ricardo, ou lá quem és, diriam outros...

O Ano da Morte de Ricardo Reis

I – À guisa de introdução

Em seu ensaio “Considerações pouco ou nada intempestivas”, presente no livro *Fernando Pessoa Revisitado*, Eduardo Lourenço afirma que o grande engodo no qual caiu a crítica pessoana foi o ter considerado que “o objecto primeiro da exegese de Pessoa não foi a sua *poesia* múltipla, mas a *relação dessa múltipla poesia com os seus míticos (e reais) autores*”. Mais que isto, o ter convertido “os autores fictícios em *criadores de poemas* quando só os poemas são os *criadores dos autores fictí-*

¹ Este artigo foi elaborado a partir de minha dissertação de mestrado, intitulada *O Poeta no Labirinto: a construção do personagem em O ano da morte de Ricardo Reis*, desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da Profa. Dra. Vilma Arêas.

cios”, “mergulhou toda a crítica numa miragem criadora de miragens, fonte de uma perplexidade insolúvel e sem cessar renascente”².

Podemos relativizar essa afirmação peremptória de Lourenço, que generaliza sua crítica a toda exegese pessoana, mas de um ponto de vista mais geral não há como discordar dele. De um certo modo – e é isso que Lourenço denuncia – houve críticos que se comportaram como leitores comuns, entrando imediatamente no jogo criado pelo poeta do *Orpheu*. Ora, paradoxalmente, essa confusão dá mais sabor à leitura da obra heteronímica e, sem dúvida, é fundamental para o leitor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Isto porque José Saramago, com a publicação deste livro, ousou concretizar a fantasia de muito leitor pessoano, completando a biografia de um dos heterônimos do poeta. Ou seja, essa postura que não é aconselhável para a crítica é permitida e, de certa forma, até profícua à ficção.

Para construir o seu personagem, Saramago vai lançar mão dos poucos dados biográficos, porém bastante precisos, fornecidos por Fernando Pessoa na conhecida carta a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935. Principalmente utilizará a leitura que faz da obra deste heterônimo, pois, como comenta o narrador de *O Ano da Morte*, “quem os versos lhe conheça bastante, encontrará fácil caminho para a explicação”³ do comportamento de Ricardo Reis no decorrer da sua trajetória romanesca.

Como podemos ver, o narrador afirma que os versos explicam o comportamento “daquele” que os escreveu. Afinal, a partir de uma imagem de “homem”, contida nas *Odes*, José Saramago constrói um personagem a quem chama de Ricardo Reis. Para investigar, portanto, de que maneira se dá essa construção, inicialmente discutiremos algumas características presentes nas *Odes*, assinadas pelo heterônimo Ricardo Reis, que podem ter sido aproveitadas por Saramago na composição do protagonista deste seu romance.

² Eduardo Lourenço, *Fernando Pessoa Revisitado*, Lisboa, Moraes Editores, 1981, 2.^a ed., p. 27 (os itálicos são do autor).

³ José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Editorial Caminho, 1985, 6.^a ed., p. 393-4. Todas as vezes que citar esta obra, indicarei no próprio texto os números referentes as páginas citadas.

II – O pagão triste da decadência

SOFRO, LÍDIA, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.

RICARDO REIS

De saída é preciso salientar que não se pretende fazer aqui uma análise exaustiva da obra do heterônimo Ricardo Reis, mas apenas buscar algumas das possíveis “máscaras de homem”, que podem ser depreendidas desta obra, para que, em um momento posterior, possamos confrontar essas máscaras com o Ricardo Reis que deambula por Lisboa nas páginas do romance.

Para traçar um perfil do poeta neoclássico, partiremos, pois, da leitura das *Odes* e dos textos em prosa deste e de outros heterônimos, isto é, partiremos da “discussão em família”; levaremos também em conta as análises de alguns exegetas pessoanos anteriores à publicação de *O Ano da Morte*, e que poderiam ter sido aproveitadas por José Saramago na composição de seu personagem.

Ricardo Reis, ao prefaciar a obra de Alberto Caeiro, a qual chamou de “reconstrução pagã”, diz em relação a si próprio: “Por mim, se em mim posso falar, quero ser ao mesmo tempo epicurista e estóico, certo que estou da inutilidade de toda a ação num mundo em que a ação está em erro, e de todo pensamento, em um mundo onde o modo de pensar se esqueceu”⁴. Parece que é movido por essa espécie de profissão de fé, inspirada na filosofia epicurista, que arquiteta a sua obra:

[...]
Buscando o mínimo de dor ou gozo,
Bebendo a goles os instantes frescos,
Translúcidos como água
Em taças detalhadas,

Da vida pálida levando apenas
As rosa breves, os sorrisos vagos,
E as rápidas carícias
Dos instantes volúveis. [...].⁵

⁴ Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, 4.^a ed., p. 114.

⁵ Fernando Pessoa, *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, 9.^a ed., p. 191, ode 317.

Ele também se considera um restaurador do paganismo – seguindo os passos do Mestre Caeiro. Mas, se os segue, em vários aspectos dele se diferencia. Apenas a título de exemplo, nas “discussões em família”, Reis aponta o que considera um dos “defeitos” da obra do Mestre: “a forma poética adotada”, a qual considera “inadmissível”⁶. Esse “defeito” é, por exemplo, um dos elementos responsáveis pelas divergências entre as duas obras⁷.

Além disso, em sua poesia encontramos a presença dos deuses greco-romanos, ausentes nas obras de Caeiro, como os versos da ode abaixo exemplificam:

O DEUS PÁ não morreu,
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres-
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal [...].⁸

Os deuses de Ricardo Reis, como o Eu lírico das *Odes* faz questão de enfatizar, “Sempre claros e calmos,/Cheios de eternidade/E desprezo por nós”⁹, nos concedem uma única liberdade: a de “[...] submetermos/Ao seu domínio por vontade nossa”¹⁰. Entretanto, “Como acima dos deuses o Destino/É calmo e inexorável”¹¹, eles também não são livres e estão sujeitos ao eterno Fado. Parece que uma saída encontrada por Ricardo Reis, já que os deuses nos desprezam e tanto eles como nós estamos expostos à moira cruel, é o fingimento; fingir, do mesmo modo que os deuses, a quem pretende imitar, “De que é divina e livre a sua vida”:

⁶ Cf. Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, p. 121.

⁷ Não pretendo, aqui, entrar numa discussão sobre as divergências e semelhanças das obras de Caeiro e Reis. Em “Ricardo Reis ou o inacessível paganismo”, Lourenço tem sempre presente a intrincada relação de Pessoa e sua *família heteronímica*, comparando-os e desvelando as suas íntimas correlações. Cf. Eduardo Lourenço, *Op. cit.*, p. 47-67.

⁸ Fernando, Pessoa, *Obra Poética*, p. 189, ode 313. Obviamente este é apenas um dos vários exemplos que poderiam ser citados.

⁹ *Ibidem*, p. 189, ode 313.

¹⁰ *Ibidem*, p. 196, ode 326.

¹¹ *Ibidem*, p. 195, ode 325.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem
O eterno fado pesa,
Usam para seu calmo e possuído
Convencimento antigo
De que é divina e livre a sua vida¹².

Afinal, como conclui, só na ilusão da liberdade é que esta existe:

[...]
Por isso não pensemos
E deixemo-nos crer
Na inteira liberdade
Que é a ilusão que agora
Nos torna iguais aos deuses¹³.

Se é só através da ilusão da liberdade, como diz, que consegue igualar-se aos deuses, no entanto, é só na aparência, como veremos, que ele aceita, sem conflito e nenhum sofrimento, essa situação. Segundo seu “irmão”, Frederico Reis, “a obra de Ricardo Reis, profundamente triste, é um esforço lúcido e disciplinado para obter uma calma qualquer”, mas ressalva que “quem vive sempre à espera da morte, dificilmente pode fingir-se calmo”¹⁴.

Esta dificuldade em fingir-se calmo diante da inexorabilidade da morte transparece em vários poemas. No que se inicia com o verso “Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo”, flagramos o Eu lírico:

[...] apenas desejando
Num desejo mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo¹⁵.

O mal-estar que demonstra sentir diante da consciência da brevidade da vida, da impossibilidade de impedir que tudo passe e pereça, a angústia de saber-se mortal faz com que deseje, mais de uma vez, imitar os deuses, que só são divinos “Porque não se pensam”¹⁶. Parece ser a imitação dos deuses uma das soluções encontradas para a sua impo-

¹² *Ibidem*, p. 196, ode 326.

¹³ *Ibidem*, p. 196-7, ode 327.

¹⁴ Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, p. 140.

¹⁵ Fernando Pessoa, *Obra Poética*, p. 193, ode 320.

¹⁶ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p.204, ode 340.

tência diante da inevitabilidade do Fado. Neste caso, o exemplo a ser imitado é o da abolição do próprio pensamento. Porém, o heterônimo não consegue manter-se nessa posição de inconsciência, de alienação do pensamento, pois “o orgulho de ver sempre claro”, o desesperado desejo de ter “a consciência lúcida e solene” são mais fortes e ele suplica:

TIREM-ME os deuses
Em seu arbítrio
Superior e urdido às escondidas
O Amor, glória e riqueza.

Tirem-me, mas deixem-me,
Deixem-me, apenas
A consciência lúcida e solene
Das coisas e dos seres.
[...]
O resto passa,
E teme a morte.
Só nada teme ou sofre a visão clara
E inútil do Universo.

Essa a si basta,
Nada deseja
Salvo o orgulho de ver sempre claro
Até deixar de ver.¹⁷

Como podemos observar, as inúmeras leituras possíveis da obra de Ricardo Reis revelam a construção de um rosto – a imagem de “alguém” em conflito. Alguém que, em mais de um momento, apregoa a inutilidade de todo pensamento enquanto procura aguardar serenamente a morte¹⁸, mas que, por outro lado, em outros momentos, deseja o oposto disto, isto é, deseja possuir a consciência lúcida e solene das coisas e dos seres. Tal conflito ainda mais se intensifica em alguns poemas nos quais a consciência de si próprio aparece como um de seus desejos mais fortes:

¹⁷ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 199-200, ode 335.

¹⁸ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 222, ode 410:

“SERENO AGUARDA o fim que pouco tarda.
Que é qualquer vida? Breves sóis e sono.
Quanto pensas empregas
Em muito não pensares.”

MELHOR DESTINO que o de conhecer-se
 Não frui quem mente frui. Antes, sabendo,
 Ser nada, que ignorando:
 Nada dentro de nada.¹⁹

Estes versos nos indicam que mais forte que o desejo de abolir todo pensamento é o desejo de conhecer-se, o de não abrir mão de sua própria consciência. Porém, de que adianta sermos conscientes, como conclui, se nada podemos contra o Destino atroz, sempre “alheio e invencível”?

Se sabê-lo não serve de sabê-lo
 (Pois sem poder que vale conhecermos?)
 Melhor vida é a vida
 Que dura sem medir-se.²⁰

Ou seja, de que adianta sermos conscientes se é impossível tomarmos as rédeas de nossa própria vida e conduzir nosso Destino? Como podemos ver, parece que, para o Eu lírico das *Odes*, ter consciência de nossa fragilidade e pequenez humanas só pode causar a infelicidade, por mais que em vários momentos ele deseje ardentemente manter esta consciência. A este respeito, Eduardo Lourenço já havia dito em seu ensaio, “Ricardo Reis ou o inacessível paganismo”, que “o dado central da visão do novo heterónimo, é sempre o mesmo: ser consciente é ser infeliz”²¹.

De fato, esta consciência que conduz à infelicidade é a da impotência frente à morte e à irreversibilidade do tempo, como aponta Jacinto do Prado Coelho:

Mais pungente que a ideia da Morte é a sensação de que a vida consiste numa série de mortes sucessivas, de que o tempo é irreversível [...].

Assim angustiado perante um Destino mudo que o arrasta na voragem, Reis procura na sabedoria dos antigos um remédio para os seus males. [...]

O poeta deixa-se tentar pelo ópio da perfeita inconsciência. [...] Mas a noção da dignidade humana, “o orgulho de ver sempre claro”, fá-lo arrepiar caminho, refluir ao eu consciente. Quer encarar o destino, frente a frente, lúcido e solene:

¹⁹ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p.210, ode 355.

²⁰ Fernando Pessoa, *Op. cit.*, p.209, ode 350.

²¹ Eduardo Lourenço, *Op. cit.*, p. 49. Lourenço continua a sua análise mostrando que Reis não encontra “outra saída [...] que a de aderir, esposar, extenuar a *nossa infelicidade radical* por uma aceitação altiva e desprendida da nossa condição, não só precível, mas sem cessar em transe de perecer” (p. 50).

“Antes, sabendo,/Ser nada, que ignorando:/Nada dentro de nada”. Já nisto segue Epicuro, para quem “uma clara percepção das coisas” era o melhor dom que sobre a Terra podíamos desejar.²²

Para compor um rosto ao heterônimo Ricardo Reis, precisamos considerar que além dessa ambigüidade entre o desejo de ser consciente e o seu oposto existe uma outra que o caracteriza: por um lado, reconhece a inutilidade de lutar contra o Destino e vê como única saída para essa impotência a vontade de ser como aqueles “Que nada mais pretendem/Que ir no rio das coisas”²³; por outro, se recusa a ficar impassível e deseja desesperadamente:

[...] suspender, inda que em sonho,
O Apolíneo curso, e conhecer-me,
Inda que louco, gêmeo
De uma hora imperecível!²⁴

Assim, o heterônimo neoclássico encontra-se irremediavelmente preso diante de contradições que não consegue resolver: o desejo da consciência e a certeza de que este desejo só traz o sofrimento, o que o leva em outros momentos a querer a total inconsciência; o impasse entre a vontade de agir, para mudar o rumo das coisas, e a consciência de que toda a ação é inútil. Se este é um dos perfis possíveis para o Ricardo Reis pessoano, precisamos ver como se coaduna com o do personagem de José Saramago.

III – A Segunda Vida de Ricardo Reis

Ricardo Reis regressou a Portugal
depois da morte de Fernando Pessoa.

JOSÉ SARAMAGO

Em “Para uma biografia de um monárquico sem rei: Ricardo Reis”, Dal Farra²⁵ discute o fato de se procurar encontrar no homem as carac-

²² Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1985, 8.ª ed., p. 35-7.

²³ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 201, ode 336.

²⁴ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 208, ode 349.

²⁵ Maria Lúcia Dal Farra, “Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis”, *Estudos Portugueses e Africanos* 9 (Campinas, 1986) 77-87.

terísticas da obra por ele produzida. Ela utiliza o conceito “transitividade direta entre homem e obra” para explicar a construção do protagonista do romance de Saramago: “A questão que a existência deste romance coloca, primeiro e de imediato, é a da transitividade direta entre homem e obra. É possível extrair da obra os contornos precisos e a imagem – digamos – plausível ou real daquele que a criou?” (p. 79).

Para Dal Farra, não há dúvida de que “uma obra [...] é sempre uma das possíveis transfigurações de um poeta; ela nos dá uma imagem implícita de um autor que, entretanto, não necessariamente confere com a do seu autor real” (p. 80). Além do mais, como ela mesma diz, não estamos falando de crítica, mas de ficção, e não se trata de um autor real, mas de uma **criação ficcional** de Fernando Pessoa, que, por sua vez, transforma-se em **recriação** de José Saramago.

Parece, entretanto, que o narrador de *O Ano da Morte* procura estabelecer não uma transitividade direta entre **homem e obra**, mas, invertendo os termos, uma **relação direta** entre a **obra** e o **homem**; isto é, através da leitura que faz da obra desse heterônimo, ele constrói um perfil que se adapta a uma máscara possível para o “homem” Ricardo Reis, sem torná-la incompatível, de certo modo, com a já criada por Fernando Pessoa.

Neste processo de recriação, Saramago precisa de elementos que atestem ao leitor a verossimilhança do protagonista de seu romance. Ou seja, precisa que identifiquemos naquele que desembarca no Cais de Alcântara, no dia 29 de dezembro de 1935, o heterônimo que, segundo Fernando Pessoa, “vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico”²⁶. Portanto, em primeiro lugar, Saramago se vê diante de um problema, sem dúvida não muito difícil de resolver, que é o de trazer de volta a Lisboa Ricardo Reis que, segundo a carta de Pessoa a Casais Monteiro, vivia no Brasil. Para isto, consegue habilmente aliar dois fatos históricos ocorridos em novembro de 1935: a eclosão de uma revolução no Rio de Janeiro e o falecimento do poeta.

Ricardo Reis tirou a carteira do bolso interior do casaco, extraiu dela um papel dobrado, fez menção de o entregar a Fernando Pessoa, mas este recusou com um gesto, disse, Já não sei ler, leia você, e Ricardo Reis leu, Fernando Pessoa faleceu Stop Parto para Glasgow Stop Álvaro de Campos, quando recebi este telegrama decidi regressar, senti que era uma espécie de dever, [...] Houve

²⁶ Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, p. 98.

ainda uma outra razão para este meu regresso, essa mais egoísta, é que em Novembro rebentou no Brasil uma revolução, muitas mortes, muita gente presa, temi que a situação viesse a piorar, estava indeciso, parto, não parto, mas depois chegou o telegrama, aí decidi-me, pronunciei-me, como disse o outro [...]. (p. 80-1)

Resolvido esse impasse, seu desafio maior é conjugar, às características que acrescenta ao personagem central de *O Ano da Morte*, as informações extraídas da obra pessoana. Ou seja, precisa convencer a nós, leitores, de que este Ricardo Reis que retornou a Portugal a bordo do Highland Brigade é o conhecido heterônimo pessoano. Para isto, para nos convencer de que se trata da mesma “pessoa”, o narrador utilizar-se-á de um recurso que é magistralmente desenvolvido por ele: a intertextualidade. Amalgamado ao seu texto, às informações que nos dá a respeito do personagem, temos fragmentos das *Odes* que nos ajudam a compor a face do protagonista de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Esses fragmentos, responsáveis em parte pela “transitividade direta” que procura estabelecer entre a obra do heterônimo e uma possível imagem de “homem”, extraída dela, vão aparecendo, aos poucos, através das indagações de Reis em relação à “sua” produção poética – afinal ele “compõe” alguns versos no decorrer do romance; aparecem também através dos comentários que o narrador tece sobre as atitudes do personagem, confrontando-as sempre com algumas das posturas poéticas do Eu lírico das *Odes*. É preciso salientar, no entanto, que é sobretudo nesse confronto entre a obra e o “homem” que a ambigüidade do protagonista de *O Ano da Morte* nos é revelada: por um lado, ele procura transformar posturas que apregoam alienação e indiferença em relação ao mundo em normas de vida e, por outro, não consegue manter um distanciamento olímpico do mundo a que está exposto. De qualquer modo, é importante ressaltar que em alguns momentos ele se aproxima de uma imagem possível do poeta neoclássico e em outros se afasta desta imagem, como aponta Inês Braga²⁷:

Nesta perspectiva, o Ricardo Reis que nos é dado conhecer, ora coincide com os elementos verdadeiros, ou melhor, verosímeis, que uma biografia fictícia nos fez assinalar como real, ora se afasta desse conjunto de pressupostos comportamentais que seriam de esperar de uma determinada imagem extra-textual também ela presente no texto. (p. 95)

²⁷ Inês Braga, “José Saramago: O ano da morte de Ricardo Reis”, *Persona* 11-12 (Porto, 1985) 95-102.

Essa ambigüidade, que caracteriza a construção do personagem, começa a nos ser mostrada mesmo antes de termos certeza de que o **viajante** é o heterônimo Ricardo Reis. Quando faz uma primeira inspeção no quarto que ocupará no Hotel Bragança – antes de dar entrada e preencher o livro de hóspedes –, ao ser inquirido pelo gerente a respeito do seu provável tempo de permanência no hotel, responde:

[...]Ainda não sei, depende de alguns assuntos que tenho de resolver, do tempo que demorem. É diálogo corrente, conversa sempre igual em casos assim, mas neste de agora há um elemento de falsidade, porquanto o viajante não tem assuntos a tratar em Lisboa, nenhum assunto que tal nome mereça, disse uma mentira, ele que um dia afirmou detestar a inexactidão. (p. 20)

Como podemos ver, mesmo antes de oficializar ser este viajante Ricardo Reis, o narrador começa a nos mostrar as suas contradições. Se, em “conversa” com Álvaro de Campos, o heterônimo havia se “auto-definido” como aquele que **abomina a mentira porque é uma inexatidão**²⁸, o personagem, que chega do Brasil, inicia a sua trajetória contradizendo-se ao mentir ao gerente do Hotel Bragança.

Após preencher o registro do hotel e revelar de uma vez por todas a identidade que já desconfiávamos ser de Ricardo Reis – “idade quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede” (p. 21) –, satisfazendo a natural curiosidade do leitor, “agora o problema é descobrir o resto, apenas” (p. 21), como nos diz o narrador.

Descobrir o resto é, sem dúvida, descobrir **quem é** este Ricardo Reis que retorna a Portugal e **a que veio**, questões que ao próprio personagem intrigam. Em relação à primeira, é interessante observar que em vários momentos da narrativa tanto ele próprio como o narrador se questionam a respeito dessa identidade, como exemplifica o trecho abaixo, em que se joga com os sentidos possíveis da ode “Vivem em nós inúmeros”:

²⁸ “Há frases repentinas, profundas porque vêm do profundo, que definem um homem, ou, antes, com que um homem se define, sem definição. Não me esquece aquela em que Ricardo Reis uma vez se me definiu. Falava-se de mentir, e ele disse: “Abomino a mentira, porque é uma inexatidão”. Todo o Ricardo Reis – passado, presente e futuro – está nisto.” In: Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, p. 109-110.

E há papéis para guardar, estas folhas escritas com versos, datada a mais antiga de doze de Junho de mil novecentos e catorze, [...] Mestre, são plácidas todas as horas que nós perdemos, se no perdê-las, qual numa jarra, nós pomos flores, e seguindo concluía, Da vida iremos tranquilos, tendo nem o remorso de ter vivido. [...] e a folha mais recente de todas tem a data de treze de Novembro de mil novecentos e trinta e cinco, passou mês e meio sobre tê-la escrita, ainda folha de pouco tempo, e diz, Vivem em nós inúmeros, se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente, sou somente o lugar onde se pensa e sente, e, não acabando aqui, é como se acabasse, uma vez que para além de pensar e sentir não há mais nada. Se somente isto sou, pensa Ricardo Reis depois de ler, quem estará pensando agora o que eu penso, ou penso que estou pensando no lugar que sou de pensar, quem estará sentindo o que sinto, ou sinto que estou sentindo no lugar que sou de sentir, quem se serve de mim para sentir e pensar, e, de quantos que em mim vivem, eu sou qual, quem, Quain, que pensamentos e sensações serão os que não partilho por só me pertencerem, quem sou eu que outros não sejam ou tenham sido ou venham a ser. Juntou os papéis, vinte anos dia sobre dia, folha após folha, guardou-os numa gaveta da pequena secretária, fechou as janelas, e pôs a correr a água quente para se lavar. Passava um pouco das sete horas. (p. 23-4)

Como vemos, as reflexões em torno da ode “Vivem em nós inúmeros” trazem, para o centro das discussões do romance, um dos temas centrais da obra pessoana, que é o da identidade do Eu lírico construída sob o signo da heteronímia. O narrador “manipula” essa questão ao propor a existência de **seu** personagem, já que “há inúmeros”, como possível. Desse modo, ele se autoriza a continuar a biografia do heterônimo neoclássico, que ficou inacabada com a morte do poeta de *Orpheu*. Mais que isto, podemos pensar que o **seu** Ricardo Reis, ao questionar-se sobre **quem é**, liberta, relativamente, José Saramago da máscara criada por Fernando Pessoa para esse heterônimo. Afinal, com esse questionamento, o romancista inaugura uma nova fase na “vida” de Ricardo Reis, não mais exclusivamente atrelada ao universo pessoano, possível de existir nas páginas de seu romance.

Isto talvez explique o fato de, em diversos momentos, flagrarmos no protagonista de *O Ano da Morte* contradições com as “posturas” poéticas presentes nas *Odes*. Essas contradições dão a ele um estatuto ambíguo, que ora aponta para a sua **semelhança** com o heterônimo, ora o afasta desse modelo, possibilitando-lhe maior liberdade de ação. Entretanto, mesmo tendo a ambigüidade como uma das características principais do personagem, o narrador faz questão de não nos deixar esquecer, em nenhum momento, de **quem** se trata, e o tempo todo pro-

cura associá-lo ao heterônimo, enfatizando-lhe um certo perfil traçado por Pessoa. Tanto que no primeiro jantar que faz no hotel Bragança, “Ricardo Reis contempla as olhas da canja de galinha, acabou por escolher a dieta, obedeceu à sugestão [do maître], por indiferença, não por lhe ter encontrado particular vantagem” (p. 25).

Como podemos ver, o narrador coloca em seu personagem uma das características do Ricardo Reis das *Odes*, que é a indiferença, a ataraxia em relação ao mundo. Só que enquanto no heterônimo essa atitude é uma opção poética pautada na moral pagã, no epicurismo e no estoicismo, no protagonista de *O Ano da Morte* essa opção transforma-se em norma de vida, que determina o seu cotidiano romanesco. O heterônimo prega “a altiva indiferença/às coisas passageiras”²⁹. Mesmo no espaço das *Odes*, ao qual está basicamente circunscrito, é difícil para ele alcançar esta almejada indiferença, como vimos anteriormente, apesar de esse espaço não ter como objetivo reproduzir o mundo que conceituamos de real. No universo que o Eu lírico procura criar nas *Odes*, encontramos, como diz Dal Farra, “a ausência total de qualquer preocupação com a contingência histórica que é a sua: toda ela [a sua poesia] nomeia um tempo habitado pelos deuses greco-romanos e sua mitologia, compartilhado pelo poeta e por suas musas: Neera, Cloe e Lídia” (p. 79)³⁰. Já o personagem, habitante também de um universo ficcional, encontra, nesse espaço, reproduzida, uma realidade histórica e socialmente bem datada: o Portugal do ano de 1936, muito distante dos “píncaros” das *Odes* de Ricardo Reis. Apesar de esta diferença existir entre os dois universos ficcionais, o personagem insiste na postura de alheamento, postura esta muitas vezes criticada pelo narrador de *O Ano da Morte*: “Ora, Ricardo Reis é um espectador do espectáculo do mundo, sábio se isso for sabedoria, alheio e indiferente por educação e atitude (...)” (p. 90).

A citação acima nos mostra como o narrador se utiliza de um dos versos célebres do heterônimo, “Sábio é o que se contenta com o espec-

²⁹ Fernando Pessoa, *Obra Poética*, p. 228, ode 429.

³⁰ É preciso salientar que se nas *Odes* encontramos “a ausência total de qualquer preocupação com a contingência histórica”, como disse Dal Farra, o mesmo não ocorre nos textos em prosa deste heterônimo. Nestes textos, Pessoa-Reis se mostra totalmente inserido em sua época, ao discorrer sobre o ressurgimento do paganismo na Europa e a inevitável influência que o cristianismo exerceu sobre esse movimento. Porém, para a análise que estamos fazendo importa as características do heterônimo que o narrador procura destacar, estas o mostram “alienado” do mundo que o cerca.

táculo do mundo”, para ironicamente criticar o protagonista de seu romance; técnica aliás recorrente. A ele não escapam, também, as tendências religiosas de Ricardo Reis, apesar de não ter sido apurado, como nos diz, “se [este] prefere as [religiões] gregas ou as romanas, que a umas e outras em versos invoca, a ele basta-lhe haver deuses nelas e não Deus apenas” (p. 234-5).

Como podemos ver, algumas das questões que se destacam na obra poética do heterônimo neoclássico (a busca da sábia indiferença diante do mundo, a postura contemplativa, a opção pelo paganismo em detrimento do cristianismo) vão sendo usadas pelo narrador para compor o seu personagem. Até mesmo o rigor sintático e formal presente nas *Odes* é transferido, no romance, para o cotidiano de Ricardo Reis, para o seu comportamento metódico. Afinal, como nos alerta o narrador, Ricardo Reis

[...] sempre seguiu as suas regras de comportamento, a sua disciplina, nem o Trópico de Capricórnio, tão emoliente, lhe embotou, em dezasseis anos, o gume rigoroso dos modos e das odes, ao ponto de se poder afirmar que sempre procura estar como se sempre o estivessem observando os deuses. (p. 50)

Até mesmo no detalhe banal da arrumação das roupas no armário, podemos observar nele “o gume rigoroso dos modos e das odes”:

Voltou Ricardo Reis aos seus arranjos domésticos, arrumou os fatos, as camisas, os lenços, as peúgas, peça por peça, como se estivesse ordenando uma ode sáfica, laboriosamente lutando com a métrica relutante, esta cor de gravata que, pendurada, requer uma cor de fato por comprar. (p. 221-2)

Como podemos observar, o narrador organiza os dados a respeito desse personagem para nos convencer da transitividade direta entre **obra e homem**. O Ricardo Reis, protagonista do romance, **entre os inúmeros que possa vir a ser**, tem estreitos laços com o heterônimo, pelo menos com uma imagem plausível construída a partir das *Odes*. Esta plausibilidade é responsável, de certa forma, pela verossimilhança do personagem, ou seja, garante que nós, leitores, o aceitemos como uma versão possível do heterônimo pessoano.

Entretanto, não há dúvida de que, ao elaborar o seu personagem, Saramago opta por destacar apenas algumas características do heterônimo. Tal subtração corre o risco de ser considerada fruto de uma leitura simplista, pois algumas questões como a angústia e a impotência

diante da morte e da efemeridade da vida, além de outras tantas que são importantes para uma melhor compreensão do Eu lírico das *Odes*, estão ausentes da caracterização do protagonista do romance³¹.

Ao contrário das angústias existenciais que afligem o heterônimo, encontramos o personagem envolvido com questões materiais, como a preocupação com o que vai vestir, o que vai jantar, se Lídia vem ou não vem aquecer-lhe as noites.

Podemos pensar que essas diferenças são, de fato, conseqüência de um abismo existente entre o universo ficcional do Ricardo Reis pessoal e do de José Saramago. O heterônimo, como coloca Luís de Sousa Rebelo³², “habita” basicamente “o reino da realidade evanescente” das *Odes* enquanto o personagem, como já o dissemos anteriormente, “vive” num universo também ficcional mas que é explicitamente pautado na realidade histórica e social. Esta diferença, como estamos procurando apontar, é fundamental para compreendermos as divergências que ocorrem entre os dois Ricardos.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que o mundo de Ricardo Reis é o que Fernando Pessoa escolheu para este heterônimo, quando decidiu criá-lo discípulo de Alberto Caeiro, “um universo corroído de irreabilidade”, como diz Eduardo Lourenço, no qual “acaba por encontrar um lar onde bebe fria a permanente ausência de si mesmo”³³.

A leitura de *O Ano da Morte* nos mostra que o protagonista do romance não consegue manter um distanciamento diante do mundo retratado no romance. Ao contrário do “universo corroído de irreabilidade” das *Odes*, o Ricardo Reis de José Saramago, ao desembarcar no Cais de Alcântara e iniciar a sua trajetória romanesca, tem pela frente a tarefa de – sem abrir mão de algumas das posturas do heterônimo, como por

³¹ Só no fim da narrativa é que veremos Ricardo Reis sentir-se impotente diante dos acontecimentos que ocorrem à sua volta e desesperar-se por causa disto. Um bom exemplo disto é quando o flagramos chorando, após o bombardeio dos barcos da marinha portuguesa que tentam se rebelar contra a ditadura salazarista, o que culmina com a derrota, morte e prisão de muitos dos revoltosos, entre eles Daniel, irmão de Lídia. É preciso destacar que neste momento Ricardo Reis retorna ao Hotel Bragança, para saber notícias da amante, deixando de se incomodar com os comentários que possam surgir a partir desta sua atitude.

³² Luís de Sousa Rebelo, “José Saramago: O ano da morte de Ricardo Reis”, *Colóquio Letras* 88 (Lisboa, 1985) 144-148.

³³ Eduardo Lourenço, *op. cit.*, p. 66.

exemplo a ataraxia em relação ao mundo – recuperar a sua Ítaca perdida, navegando pelo mar da cultura e da história portuguesa (e, porque não, ocidental também) de seu tempo, resistir ao canto das sereias (canto de alienação? discurso oficial que transforma Portugal num “oásis de paz”, num paraíso finalmente concretizado?), defender-se das investidas de Circe (cooptação? PVDE? igualar-se a um Victor e seu cheiro nauseabundo de cebola?); por fim, chegar ao seu porto, encontrar-se, abdicar e ser rei de si próprio. Esta tarefa, como já foi apontado³⁴, o personagem não consegue cumprir.

À guisa de conclusão, gostaríamos de concordar com Sousa Rebelo quando aponta para o quão delicada é a tarefa de José Saramago em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Afinal, ao “enredar” o protagonista de seu romance “nas malhas de um quotidiano bem datado e marcado”³⁵, este autor, certamente, quis “pregar uma partida” com a imagem de Fernando Pessoa que se cristalizou na cultura portuguesa. Mais que isto. Ao expor o heterônimo que afirmou ser “Sábio o que se contenta com o espetáculo do mundo” a um mundo em que alienar-se representa um apoio silencioso à ditadura salazarista, Saramago põe em xeque toda postura que coloca poetas e intelectuais voltados exclusivamente à sua “torre de marfim”. Afinal, o escritor português já declarou que para ele todo trabalho literário tem o dever de ser um trabalho político e que considera, portanto, o engajamento imprescindível. Podemos pensar que ao mostrar a inviabilidade do protagonista de seu romance de manter-se num “píncaro” protetor enquanto o mundo à sua volta entra em colapso, não é apenas a ele que José Saramago pretende questionar. Sem dúvida o maior alvo parece ser Fernando Pessoa, que, enquanto personagem do romance, também está sob o olhar crítico do escritor português. A sua própria aparência física, pelo menos o modo como aparece na narrativa, com as calças curtas, a barba por fazer, já que o pêlo do rosto tem vida mais longa, como esclarece, contribuem para um certo rebaixamento desse personagem. Acresce-se a isso o fato de que “Fernando Pessoa já não é Fernando Pessoa, e não porque esteja morto, a grave e decisiva questão é que não poderá acrescentar mais nada ao que foi e

³⁴ Cf. Aparecida de Fátima Bueno. “Do falso equilíbrio à dissolução: O Portugal em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*”, *Revista de Letras* 36 (São Paulo, 1996), pp. 105-116.

³⁵ Rebelo, p. 144.

ao que fez, ao que viveu e escreveu, se falou verdade no outro dia, já nem sequer é capaz de ler, coitado” (p. 91). Chamar Pessoa de “coitado”, e reduzi-lo a uma espécie de fantasma, faz parte desse processo de rebaixamento que o narrador de *O Ano da Morte* também sujeita o heterônimo Ricardo Reis. Falar, no entanto, da “dessacralização” de Fernando Pessoa, é assunto para outra matéria e extrapola os objetivos deste ensaio³⁶.

³⁶ A respeito da “dessacralização” do Fernando Pessoa, personagem de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, apresentei em 1996, em Amherst, Massachusetts, no I International Colloquium on José Saramago, a comunicação intitulada “O fantasma de Fernando Pessoa: mito sempre revisitado ou Pessoa nunca posto em sossego”, em que discutia essa questão.

